

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Da violência simbólica à sociedade do cansaço: repensando a escolarização e a educação crítica a partir de Bourdieu, Byung-Chul Han e Paulo Freire

Jair Figueiredo

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18001>

Submetido em: 2026-09-08

Postado em: 2026-09-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA À SOCIEDADE DO CANSAÇO: REPENSANDO A ESCOLA E A FORMAÇÃO CRÍTICA A PARTIR DE BOURDIEU, BYUNG-CHUL HAN E PAULO FREIRE

From symbolic violence to the burned-out society: rethinking schooling
and critical education through Bourdieu, Byung-Chul Han, and Paulo Freire

Jair Figueiredo

Docente da Rede Pública Estadual (SEED-PR) e Municipal (Pato Branco - PR)

E-mail: jair.figueiredo@escola.pr.gov.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9211-6557>

RESUMO

PROBLEMA: A escola pública contemporânea enfrenta um cenário de sobrecarga estrutural e precarização do trabalho docente, intensificado pela plataformação e pela cobrança contínua por métricas de desempenho. **OBJETIVO:** Analisar como os conceitos de violência simbólica (Pierre Bourdieu) e sociedade do cansaço (Byung-Chul Han) se articulam no cotidiano escolar, propondo a pedagogia crítica de Paulo Freire como horizonte de resistência e emancipação. **MÉTODO:** Pesquisa bibliográfico-documental de caráter analítico-crítico, fundamentada nas obras centrais de Bourdieu, Han e Freire, correlacionando os aportes teóricos aos desafios da gestão pedagógica na educação básica pública, com foco específico nas disciplinas de Filosofia e Educação Física. **RESULTADOS:** Identifica-se que a plataformação atua como mecanismo contemporâneo de violência simbólica e autoexploração, convertendo a prática pedagógica em mero cumprimento burocrático de metas algorítmicas e esvaziando a dimensão reflexiva do ato de ensinar. **CONTRIBUIÇÃO:** O estudo oferece subsídios conceituais e proposições práticas para defender a autonomia docente e a construção de espaços escolares voltados ao diálogo libertador e à formação crítica.

Palavras-chave: Práxis Pedagógica. Violência Simbólica. Sociedade do Cansaço. Plataformação. Paulo Freire. Formação Crítica.

ABSTRACT

PROBLEM: The contemporary public school faces a scenario of structural overload and precarious teaching work, intensified by platformization and the continuous demand for performance metrics. **OBJECTIVE:** To analyze how the concepts of symbolic violence (Pierre Bourdieu) and burnout society (Byung-Chul Han) are articulated in daily school life, proposing Paulo Freire's critical pedagogy as a horizon of resistance and emancipation. **METHOD:** Bibliographic-documentary research of an

analytical-critical nature, based on the main works of Bourdieu, Han, and Freire, correlating theoretical contributions with the challenges of pedagogical management in public basic education, with a specific focus on Philosophy and Physical Education. **RESULTS:** It is identified that platformization acts as a contemporary mechanism of symbolic violence and self-exploitation, converting pedagogical practice into mere bureaucratic fulfillment of algorithmic goals and emptying the reflective dimension of the act of teaching. **CONTRIBUTION:** The study provides conceptual tools and practical propositions to defend teaching autonomy and the construction of school spaces focused on liberating dialogue and critical formation.

Keywords: Pedagogical Praxis. Symbolic Violence. Burnout Society. Platformization. Paulo Freire. Critical Formation.

1. INTRODUÇÃO: O CAOS CONTEMPORÂNEO NO CHÃO DA ESCOLA

O cotidiano da educação pública brasileira — em especial no contexto das redes estaduais e municipais — expõe diariamente o colapso de antigos paradigmas pedagógicos. O professor contemporâneo atua na fronteira extenuante entre o cumprimento de metas institucionais padronizadas, a alimentação burocrática de plataformas virtuais e a gestão de um cenário de indisciplina, adoecimento psíquico e apatia estudantil. Não se trata de uma falha pontual de gestão ou de uma mera negligência pedagógica isolada, mas sim do reflexo de contradições sociais e econômicas profundas que atravessam ostensivamente os muros da escola.

Historicamente, a instituição escolar foi idealizada sob o mito da harmonia social: o espaço neutro e redentor no qual o esforço individual garantiria a ascensão socioeconômica e a universalização do conhecimento. No entanto, a prática docente diária demonstra exatamente o oposto. A escola real funciona no epicentro de um conflito constante entre a reprodução de desigualdades de classe e a exigência contemporânea de uma produtividade algorítmica e incessante. O ambiente escolar transformou-se em um campo de batalha onde velhas formas de dominação social convivem com novas engrenagens de esgotamento psíquico.

Para compreender e intervir concretamente nesse cenário, faz-se necessário superar o discurso puramente abstrato ou o desespero paralisante, recorrendo a uma chave de leitura teórica tripartida, rigorosa e pragmática:

- **Pierre Bourdieu**, que desmascara a ilusão da neutralidade escolar ao demonstrar como o capital cultural, o habitus e a violência simbólica perpetuam a dominação de classe sob o véu meritocrático do "talento individual";
- **Byung-Chul Han**, que atualiza esse diagnóstico para a era digital e neoliberal, revelando como a sociedade do desempenho e do cansaço transforma o sujeito dominado em um algoz de si mesmo, gerando uma massa de estudantes e docentes exaustos sob o imperativo da produtividade;
- **Paulo Freire**, que fornece o antídoto metodológico, ético e político: a práxis como ação e reflexão humana indissociáveis, capaz de transformar o estado de opressão em autonomia

real e humanização.

Como docente que vivencia a materialidade do ensino nas disciplinas de Filosofia e Educação Física no contexto da educação básica pública (no âmbito da Secretaria de Estado da Educação do Paraná — SEED-PR e no município de Pato Branco), o olhar aqui lançado não busca teorizações estereis ou academismos desvinculados do real. O corpo que se movimenta na quadra esportiva e a mente que tensiona os conceitos na sala de aula são impactados exatamente pelas mesmas estruturas de dominação e pelo mesmo cansaço sistêmico.

A universalização de um ensino verdadeiramente crítico exige encarar a realidade sem rodeios: romper com a negligência do esvaziamento de conteúdos formais e, simultaneamente, recusar a mera instrução tecnicista destituída de sentido político. O objetivo deste trabalho é articular Bourdieu, Han e Freire para oferecer ao professor da escola pública um diagnóstico preciso da crise atual e caminhos concretos para a afirmação de uma formação emancipatória no chão da escola.

2. A ILUSÃO DA NEUTRALIDADE: BOURDIEU, CAPITAL CULTURAL E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA PÚBLICA

A tentativa de enxergar a escola pública como um ambiente neutro, isolado das forças de mercado e puramente meritocrático desmorona no momento em que confrontamos o chão da sala de aula. O trabalho de Pierre Bourdieu é fundamental para desmontar esse mito da harmonia educacional, revelando que o sistema de ensino opera, primordialmente, como uma eficiente engrenagem de conservação, legitimação e reprodução das desigualdades sociais de origem.

Para o professor que atua na ponta lidando com turmas heterogêneas e populosas na rede pública, a teoria de Bourdieu não é um mero exercício reflexivo, mas uma ferramenta pragmática de diagnóstico social. Ela explica por que determinados alunos parecem se adaptar com facilidade natural às exigências e códigos escolares, enquanto outros são sistematicamente empurrados para o fracasso, a apatia, a indisciplina ou a evasão precoce.

FIGURA 1 — O CICLO DA REPRODUÇÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA (BOURDIEU)

ORIGEM SOCIAL E HERANÇA CULTURAL (Desigualdade de Classe)

↓

HABITUS INCORPORADO (Linguagem, postura, repertório e corporalidade)

↓

SISTEMA ESCOLAR "NEUTRO" (Exige o Capital Cultural Dominante sem o ensinar)

↓

SANÇÃO PÚBLICA (Sucesso visto como "Mérito" / Fracasso visto como "Falta de Aptidão")



REPRODUÇÃO DA ESTRUTURA SOCIAL (Consagração da Violência Simbólica)

2.1 O Capital Cultural e a Codificação do Conhecimento

O conceito de capital cultural reflete como os bens culturais, a linguagem formal, o repertório erudito e o conhecimento acumulado são distribuídos de forma profundamente desproporcional entre as diferentes classes sociais. Bourdieu divide esse capital em três estados fundamentais:

- **Estado Incorporado:** Disposições duradouras da mente e do corpo (o habitus), a forma de falar, ler, articular ideias, mover-se e posicionar-se no espaço social;
- **Estado Objetivado:** Posse física de bens culturais (livros, obras de arte, acesso a instrumentos, tecnologia e patrimônio material);
- **Estado Institucionalizado:** Títulos acadêmicos, diplomas e certificações formalmente reconhecidas pelo Estado e pelo mercado.

A grande negligência do sistema educacional tradicional reside em pressupor que todos os alunos ingressam na escola com o mesmo patamar de capital cultural incorporado. A instituição exige de um estudante das periferias urbanas uma linguagem acadêmica altamente abstrata, uma postura corporal restritiva e uma bagagem de referências que ele nunca teve a oportunidade de assimilar em seu meio familiar ou comunitário. Ao tratar como "iguais em direitos e capacidades" aqueles que são profundamente desiguais na linha de partida, a escola converte o privilégio socioeconômico em mérito individual e "talento natural".

2.2 A Violência Simbólica e a Naturalização do Fracasso

Esse processo de exclusão velada e sofisticada configura o que Bourdieu conceitua como violência simbólica. Trata-se de uma forma de dominação imaterial que não recorre à coação física direta, mas ao consentimento tácito e inconsciente do próprio dominado. O aluno que não domina a norma culta ou os paradigmas exigidos pelas avaliações padronizadas interioriza a sua reprovação como um atestado de incompetência pessoal ou limitação intelectual, e não como o resultado de um processo histórico de exclusão estrutural.

A violência simbólica consolida-se na escola pública por meio de três movimentos articulados:

- Valida exclusivamente o capital cultural das classes dominantes como o único "saber universal" e legítimo;
- Desvaloriza, estigmatiza ou ignora os saberes corporais, comunitários, de trabalho e práticos trazidos pelos estudantes das classes populares;
- Convence o próprio estudante de que o seu insucesso escolar é fruto exclusivo de sua preguiça, desinteresse ou incapacidade cognitiva natural.

2.3 O Impacto na Prática: Da Filosofia à Educação Física

A atuação prática nas disciplinas de Filosofia e Educação Física na escola pública traz à tona a visibilidade empírica dessa reprodução. Em Filosofia, a exigência de um raciocínio abstrato desconectado da realidade imediata do estudante muitas vezes opera como um filtro seletivo. O aluno sem repertório prévio rejeita o texto clássico, enquanto um ensino tecnicista reduz a disciplina a uma memorização extenuante de dados biográficos de filósofos europeus, impedindo a apropriação do conceito como ferramenta viva de leitura do mundo.

Na Educação Física, a violência simbólica se manifesta de forma visceral diretamente sobre o corpo. O habitus é também gestual e corporificado: a postura, a coordenação motora fina e ampla, o desembaraço espacial e a relação com o movimento são moldados pelas condições materiais de vida. Quando a escola impõe paradigmas esportivistas, rendimentistas e seletivos, ela privilegia o aluno que teve acesso a escolinhas de esporte ou academias, marginalizando o corpo "não treinado". O resultado é a autoexclusão e a apatia dos alunos menos hábeis, que interiorizam a falsa premissa de que o movimento, a saúde e o esporte não lhes pertencem.

Superar a reprodução bourdieuana exige do professor uma postura pragmática: não se trata de abandonar os conteúdos formais em nome de um populismo demagógico — o que seria apenas mais uma forma grave de negligência —, mas de reconhecer a assimetria do capital cultural para criar mediações pedagógicas intencionais e rigorosas.

3. O IMPÉRIO DO DESEMPENHO: BYUNG-CHUL HAN E O ADOECIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Se a sociologia de Pierre Bourdieu nos permite diagnosticar a reprodução das desigualdades estruturais impostas de fora para dentro pelas estruturas de classe, o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han lança luz sobre uma nova, sutil e perversa camada da dominação contemporânea: aquela que se interioriza e atua diretamente no psiquismo dos sujeitos. No cenário educacional do século XXI, o diagnóstico da Sociedade do Cansaço e da Sociedade do Desempenho revela como a escola pública passou por uma mutação, tornando-se também um laboratório de autoexploração e exaustão psíquica.

Para o docente inserido no cotidiano das redes públicas, essa transição teórica é perceptível nas salas de aula e nas salas de professores. O modelo disciplinar clássico analisado por Michel Foucault e herdado pelo século XX — baseado na vigilância ostensiva, na proibição e no enquadramento dos corpos em instituições fechadas — foi absorvido e reformatado por um novo paradigma. A opressão contemporânea não atua prioritariamente pela interdição ("você não pode"), mas pela hiperativação e pelo imperativo da eficiência e da positividade ("você pode tudo, logo, deve produzir sem cessar").

FIGURA 2 — A TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA DA COAÇÃO INTERNA E ADOECIMENTO (HAN)

SOCIEDADE DISCIPLINAR (Séc. XX - Foucault / Bourdieu)

Coação externa | Sociedade do "Dever" | Proibições e Assimetria de Classe

↓

SOCIEDADE DO DESEMPENHO (Séc. XXI - Byung-Chul Han)

Coação interna | Sociedade do "Poder/Podes" | Positividade Tóxica e Autoexploração

↓

MUTAÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA

Estudantes: Ansiedade, Déficit de Atenção, Apatia Digital | Docentes: Burnout e Sobrecarga

↓

SITUAÇÃO DE CRISE: O Caos da Produtividade sem Sentido e Adoecimento Geral

3.1 O Sujeito do Desempenho e a Autoexploração na Escola

Byung-Chul Han sinaliza que a violência da sociedade contemporânea não é essencialmente negativa ou de exclusão física, mas sim uma violência da positividade excessiva. Sob os novos paradigmas do capitalismo digital e neoliberal, o indivíduo é constantemente instado a se enxergar como um "empresário de si mesmo", responsável único e exclusivo pelo seu sucesso ou fracasso.

No contexto escolar público, esse fenômeno atinge discentes e docentes em três dimensões críticas:

- **A Ilusão da Autoeficácia Empreendedora:** Promove-se a ideologia de que o rendimento escolar depende exclusivamente da motivação individual e do foco do aluno, mascarando a disparidade do capital cultural (Bourdieu) e as carências materiais da escola pública;
- **A Conversão da Coação em Liberdade:** O sujeito não precisa mais de um feitor externo para explorá-lo; ele se cobra, se monitora, se culpa e se pune. A autoexploração é infinitamente mais eficiente que a exploração externa, pois vem revestida por um sentimento enganoso de liberdade, autonomia e realização pessoal;
- **A Destruição do Tempo Contemplativo:** A enxurrada de estímulos digitais e a exigência de uma atenção fragmentada (a multitarefa) destroem a capacidade do silêncio, da demorada reflexão e do raciocínio profundo — pilares universais do aprendizado filosófico, científico e corporal.

3.2 O Esgotamento Docente e Discente: Do Estresse ao Burnout

O resultado direto dessa engrenagem no chão da escola é um estado extenuante de crise psíquica contínua. A negligência institucional em relação às condições reais de trabalho e estudo é maquiada por discursos empresariais de "eficiência", "metas de aprendizagem" e

"gestão de resultados".

Os estudantes, imersos na lógica das redes sociais e na busca desesperada por estímulos dopaminérgicos imediatos, entram em um estado paradoxal de agitação motora e apatia intelectual. O tédio profundo — que Han define como o solo fértil para o pensamento criativo e para a reflexão crítica — foi erradicado, sendo substituído pelo consumo frenético de vídeos curtos e conteúdos fragmentados. A incapacidade de suportar a lentidão inerente ao processo de ensino-aprendizagem desemboca em índices alarmantes de ansiedade, depressão e déficits de atenção.

Por outro lado, a figura do professor é moída por uma dupla e contraditória exigência: por um lado, o controle burocrático minucioso dos órgãos de gestão (metas quantitativas, plataformas digitais, relatórios em tempo real); por outro, a cobrança para ser um "influenciador/animador" capaz de competir com o apelo dos smartphones. O docente se vê compelido a otimizar seu tempo continuamente para gerenciar o caos diário, o que frequentemente resulta na Síndrome de Burnout, no esgotamento físico e no desânimo pedagógico radical.

3.3 A Alienação do Saber: Filosofia e Educação Física Sob a Positividade

A sociedade do desempenho desfigura a essência das disciplinas escolares. Em Filosofia, a exigência de respostas rápidas e utilitárias rejeita o tempo da dúvida e o questionamento radical. A disciplina corre o risco de ser reduzida a uma "filosofia de autoajuda" ou a manuais simplificados de "inteligência emocional" para o mercado de trabalho, esvaziando seu potencial subversivo. O pensamento conceitual é sacrificado em prol de slogans motivacionais.

Na Educação Física, o corpo deixa de ser o local da vivência lúdica, da sensibilidade, da cultura de movimento e da cooperação coletiva, para se tornar um objeto individual de rendimento, estética e otimização. A lógica mercantilista do "supere seus limites" coloniza as aulas, descartando aqueles cujos corpos não correspondem ao padrão de rendimento exigido. A saúde é ressignificada tecnicisticamente como merecida "capacidade funcional de continuar produzindo", e não como bem-estar humano integral.

4. A PLATAFORMIZAÇÃO DO ENSINO E O TECNICISMO DIGITAL NA REDE PÚBLICA

Um desenvolvimento crucial e recente no cenário da educação pública — que intensifica dramaticamente tanto a violência simbólica quanto a sociedade do cansaço — é o avanço acelerado da plataformização do ensino. Nas redes estaduais e municipais de ensino, a gestão educacional tem sido crescentemente colonizada por plataformas virtuais privadas, aplicativos corporativos e algoritmos de controle de frequência, tarefas e avaliações.

A plataformização não representa uma mera inovação neutra de recursos didáticos; trata-se do

ápice do tecnicismo digital. Ela consolida a transformação do ato pedagógico em uma linha de montagem algorítmica, na qual o professor deixa de ser o concebedor do processo de ensino para se tornar um mero executor de roteiros pré-programados e alimentador de dados estatísticos.

FIGURA 3 — O MECANISMO DA PLATAFORMIZAÇÃO E ALIENAÇÃO DOCENTE/DISCENTE

PADRONIZAÇÃO ALGORÍTMICA DOS CONTEÚDOS (Apostilamento Digital)

↓

MONITORAMENTO EM TEMPO REAL (Métricas de acesso, tempo de tela e rankings)

↓

INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE (Sobrecarga burocrática e perda de autonomia)

↓

FRAGMENTAÇÃO DA APRENDIZAGEM (Exercícios mecânicos, dopaminérgicos e sem contexto)

4.1 A Burocracia Algorítmica e a Perda da Autonomia Docente

O trabalho do professor no chão da escola pública passou a ser mensurado por métricas frias de engajamento digital: porcentagem de alunos logados, número de lições virtuais concluídas e preenchimento imediato de registros em tempo real. Essa burocracia algorítmica gera uma vigilância panóptica constante. O docente é submetido a rankings de produtividade entre escolas e municípios, dividindo seu tempo útil entre a regência de classe e a alimentação extenuante de sistemas virtuais.

Esse processo resulta no que a sociologia do trabalho denomina de desqualificação do trabalho docente. A autonomia pedagógica para planejar, adaptar o conteúdo à realidade da turma e criar mediações específicas é subtraída pela imposição de materiais digitais padronizados. Trata-se de uma atualização brutal da educação bancária denunciada por Freire: o conhecimento é enlatado por empresas de tecnologia e despejado na tela do aluno, restando ao professor o papel de fiscal de telas e cumpridor de metas.

4.2 A Exclusão Digital e o Aprofundamento da Violência Simbólica

Longe de democratizar o ensino, a plataforma compulsória aprofunda a violência simbólica de Bourdieu. Ao exigir a realização de atividades virtuais fora do horário escolar, o sistema desconsidera a abissal desigualdade de acesso à internet de qualidade, equipamentos adequados e ambientes de estudo tranquilos entre os estudantes das redes públicas.

O aluno de periferia que possui apenas um aparelho celular com franquia de dados limitada ou compartilhada com a família é penalizado pelo próprio sistema. A sua impossibilidade material

de cumprir as tarefas digitais é convertida pelo algoritmo em "falta de engajamento" ou "desinteresse". O fracasso escolar ganha, assim, uma chancela tecnológica "neutra" e indiscutível, convencendo o estudante de que ele é inapto para o mundo digital e científico contemporâneo.

5. A RESPOSTA EMANCIPATÓRIA: PAULO FREIRE, A PRÁXIS LIBERTADORA E A SUPERAÇÃO DA OPRESSÃO

Diante do diagnóstico duplo e estarrecedor revelado por Bourdieu e Byung-Chul Han — agravado pela plataformização tecnicista —, a teoria pedagógica corre o sério risco de descambar para o pessimismo ingênuo, a paralisia ou o cinismo profissional. É exatamente para romper esse ciclo de fatalismo que a obra de Paulo Freire se estabelece como um pilar indispensável e insubstituível.

Freire recusa expressamente o conformismo da escola como mera reprodutora inabalável de elites ou como laboratório inevitável de exaustão psíquica. Para o patrono da educação brasileira, o ser humano é um ser histórico, inconcluso e consciente de sua inconclusão e, portanto, vocacionado à humanização. A superação do caos educacional e da negligência pedagógica passa, obrigatoriamente, pela recuperação da práxis: a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

FIGURA 4 — O CICLO FREIRIANO DA PRÁXIS E EMANCIPAÇÃO NO CHÃO DA ESCOLA

DIAGNÓSTICO CRÍTICO DA REALIDADE (Reconhecimento das amarras sociais e do cansaço)

↓

DIALOGICIDADE E PROBLEMATIZAÇÃO (Ruptura com a Educação Bancária e de Telas)

↓

UNIDADE INDISSOCIÁVEL DA PRÁXIS (Ação Fundamentada + Reflexão Crítica)

↓

CONSCIENTIZAÇÃO E AUTONOMIA (Formação Crítica do Sujeito Histórico)

5.1 Da Educação Bancária à Problematização da Realidade

O ponto de partida da crítica freiriana é o combate ostensivo à educação bancária. Nesse modelo arcaico e reeditado no formato digital, o saber é uma doação dos que se julgam detentores do conhecimento aos que eles julgam nada saber. O professor atua como um mero depositante (ou repassador de plataformas), enquanto o estudante se converte em um receptáculo passivo.

A educação bancária guarda uma síntese perfeita com a violência simbólica de Bourdieu e a sociedade do desempenho de Han:

- Reproduz a lógica da dominação ao silenciar a bagagem cultural, a linguagem e a realidade do educando;
- Reduz o ato educativo à memorização e ao cumprimento mecânico de tarefas para alimentar métricas operacionais, retroalimentando o esgotamento sem sentido.

Em oposição, Freire propõe a educação problematizadora. Ensinar não é transferir conteúdo ou bater metas de plataformas, mas criar as condições para a produção e reconstrução crítica do conhecimento. Trata-se de tomar a realidade concreta dos estudantes — com suas dores, carências materiais, contradições e saberes comunitários — como tema gerador e objeto de investigação rigorosa. Quando a escola problematiza o mundo real, o conhecimento formal deixa de ser uma imposição arbitrária das elites e passa a ser uma ferramenta indispensável de leitura e libertação.

5.2 A Práxis como Unidade Inseparável: Ação e Reflexão

Para um perfil docente calcado no pragmatismo, na técnica e no rigor do trabalho público, o conceito freiriano de práxis adquire valor estruturante. Freire adverte severamente que a reflexão sem ação desemboca no verbalismo (palavreado vazio, demagogia, discurso acadêmico sem impacto prático na sala de aula), enquanto a ação sem reflexão degenera em ativismo (movimento cego, cumprimento rotineiro de tarefas, tecnicismo atordoado sem intencionalidade política).

FIGURA 5 — OS DESVIOS DA PRÁXIS PEDAGÓGICA (FREIRE)

VERBALISMO (Reflexão sem Ação)

Discurso acadêmico vazio, teorizações estereótipas e ausência de mediação prática

↑

DISTORÇÕES DA PRÁXIS

↓

ATIVISMO (Ação sem Reflexão)

Tecnicismo cego, cumprimento mecânico de tarefas e alimentação compulsória de dados

A práxis pedagógica autêntica exige do professor um compromisso técnico e político indissociável. Superar a negligência na escola pública não significa, sob hipótese alguma, abandonar a densidade dos conteúdos científicos ou rebaixar o nível de exigência. Pelo contrário: significa ensinar os conteúdos formais universais de modo profundamente contextualizado, instrumentalizando o estudante da classe popular para que ele possa dominar os códigos da sociedade e transformá-la.

5.3 O Diálogo e a Autonomia na Educação Física e na Filosofia

A operacionalização da pedagogia libertadora no cotidiano das disciplinas de Filosofia e

Educação Física restitui o sentido humano e emancipatório ao ato de ensinar:

- **Na Filosofia:** A disciplina deixa de ser a memorização extenuante de dados biográficos ou a resolução apressada de questionários digitais para se tornar o exercício vivo do diálogo e da dúvida radical. O diálogo freiriano não é um bate-papo informal ou descompromissado, mas uma relação horizontal rigorosa na qual professor e aluno problematizam os paradigmas vigentes, analisam a ideologia das redes sociais, desmascaram discursos de ódio e constroem uma autonomia de pensamento capaz de resistir à manipulação algorítmica da sociedade do desempenho.
- **Na Educação Física:** A prática supera o modelo diretivo, militarizado ou unicamente voltado ao rendimento atlético dos mais aptos. A quadra poliesportiva transforma-se em um laboratório de cidadania, inclusão e práxis corporal. O corpo deixa de ser um objeto a ser adestrado para ser compreendido como totalidade consciente e histórica. O esporte, a dança, as lutas, a ginástica e as brincadeiras tradicionais são problematizados em suas dimensões sociais, de gênero e de classe, garantindo que o direito ao movimento, à saúde e ao jogo seja universalizado a todos os estudantes, sem qualquer forma de exclusão.

Ao articular a denúncia da opressão com o anúncio da esperança crítica, Paulo Freire fecha a engrenagem conceitual do nosso trabalho. Bourdieu revela como o jogo social é marcado; Han e a plataformização mostram como o jogador é levado ao colapso mental e à servidão digital; Freire nos fornece as ferramentas para reescrever coletivamente as regras do jogo dentro do chão da escola pública.

6. SÍNTESE INTEGRADORA E APLICAÇÃO PRÁTICA: A PRÁXIS NO CHÃO DA ESCOLA PÚBLICA

Articular Pierre Bourdieu, Byung-Chul Han e Paulo Freire não representa um exercício de ecletismo teórico ingênuo ou aleatório, mas a construção de uma tríade diagnóstica, crítica e profundamente operacional. Cada autor oferece uma lente analítica indispensável para a apreensão da totalidade do fenômeno educativo contemporâneo no ensino público.

FIGURA 6 — A TRÍADE DIAGNÓSTICA E OPERACIONAL DA EDUCAÇÃO CRÍTICA

PIERRE BOURDIEU (Dimensão Estrutural de Classe)

Denúncia: Violência Simbólica, Capital Cultural e Reprodução Social

↓

BYUNG-CHUL HAN (Dimensão Subjetiva e Tecnológica)

Denúncia: Sociedade do Cansaço, Autoexploração e Plataformização

↓

PAULO FREIRE (Dimensão Metodológica e Emancipatória)

Anúncio: Práxis Pedagógica, Dialogicidade, Conscientização e Autonomia

A integração teórica ganha coerência pedagógica quando alinhada ao ciclo diário de ação-reflexão do professor na escola pública:

- **Bourdieu revela a dimensão estrutural:** Alerta o docente para o fato de que a sala de aula não é um espaço neutro. O capital cultural desigual exige que a escola pública ensine explicitamente os códigos, linguagens e saberes universais, sem pressupor demagogicamente que o aluno já os traga de sua vivência familiar.
- **Han e a Plataformização revelam a dimensão subjetiva contemporânea:** Impedem que o professor caia na armadilha de reproduzir discursos de "produtividade tóxica", "empreendedorismo de si" e submissão cega a metas virtuais, que adoecem a comunidade escolar sob a promessa de uma eficiência ilusória.
- **Freire oferece a metodologia transformadora:** Unifica a denúncia da estrutura (Bourdieu) e a denúncia da exaustão digital (Han) em uma práxis pedagógica concreta, na qual o conteúdo acadêmico é problematizado e colocado a serviço da autonomia dos sujeitos.

6.1 Propostas Práticas de Intervenção Pedagógica

Para afastar o verbalismo e garantir a aplicabilidade pragmática na rotina escolar, apresentam-se matrizes operacionais de diretrizes de ação para as disciplinas de Filosofia e Educação Física no ensino básico público.

TABELA 1 — DIRETRIZES DE PRÁXIS PEDAGÓGICA PARA A DISCIPLINA DE FILOSOFIA NA ESCOLA PÚBLICA

Eixo de Atuação	Problema Enfrentado (Bourdieu/Han/Plataformas)	Diretriz de Práxis Pedagógica Emancipatória (Freire)
Produção e Leitura Textual	Exclusão por falta de capital linguístico e rejeição a textos abstratos e clássicos.	Mediação Codificada: Partir de dilemas éticos da comunidade, produções culturais locais ou notícias reais para introduzir rigorosamente os conceitos de autores clássicos e contemporâneos.
Uso da Tecnologia e Redes	Hiperconexão digital fragmentada, dispersão contínua e consumo passivo de algoritmos.	Resgate da Contemplação e Crítica Algorítmica: Exercícios de desaceleração cognitiva, análise do viés ideológico dos algoritmos e debates

Eixo de Atuação	Problema Enfrentado (Bourdieu/Han/Plataformas)	Diretriz de Práxis Pedagógica Emancipatória (Freire)
		estruturados com tempo de silêncio reflexivo.
Avaliação da Aprendizagem	Exames puramente memorísticos ou questionários virtuais padronizados que reproduzem a exclusão.	Portfólios e Seminários Problematicadores: Avaliação por registros reflexivos contínuos, debates fundamentados e produções autorais, cobrando rigor conceitual sem exigir o verniz elitista.
Enfrentamento do Desempenho	Ansiedade estudantil, busca por respostas rápidas de "autoajuda" e utilitarismo do conhecimento.	Problematicação da Existência: Restituir a dúvida radical e o valor do erro/esforço intelectual como processos humanos de criação de sentido, contra a lógica do resultado imediato.

TABELA 2 — DIRETRIZES DE PRÁXIS PEDAGÓGICA PARA A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA

Eixo de Atuação	Problema Enfrentado (Bourdieu/Han/Plataformas)	Diretriz de Práxis Pedagógica Emancipatória (Freire)
Cultura de Movimento	Seletividade esportivista que privilegia os alunos detentores de capital corporal/motor prévio.	Diversificação e Universalização: Aulas estruturadas em unidades temáticas amplas (lutas, danças, ginásticas, jogos populares e esportes modificados) com regras co-construídas para participação de todos.

Eixo de Atuação	Problema Enfrentado (Bourdieu/Han/Plataformas)	Diretriz de Práxis Pedagógica Emancipatória (Freire)
Relação com o Corpo	Visão do corpo como máquina de rendimento, objeto estético de consumo ou objeto de controle.	Corporalidade Crítica: Problemática da indústria do fitness, dos padrões estéticos impostos pelas mídias e do doping social, promovendo o movimento como saúde integral e sociabilidade.
Gestão do Espaço e Quadra	Ocupação desigual dos espaços esportivos por grupos mais habilidosos ou dominantes.	Uso Democrático do Espaço: Rotatividade obrigatória de papéis (jogadores, árbitros, organizadores, analistas) e dinâmicas mistas que rompem com exclusões históricas.
Adoecimento e Exaustão	Sedentarismo associado ao uso compulsivo de telas ou busca obsessiva por performance.	Reconexão Sensível pelo Lúdico: Resgate do jogo cooperativo e do prazer do movimento sem a pressão por métricas ou comparações, fortalecendo a empatia coletiva.

6.2 A Postura Docente: Recusa da Negligência e do Tecnicismo Cego

A aplicação coerente dessa síntese teórica exige do professor concursado uma postura firme de resistência ética e epistemológica contra dois extremos opostos que dilapidam a escola pública:

- **A Negligência Demagógica:** Imaginar erroneamente que "respeitar a realidade do aluno" significa não ensinar os conteúdos científicos, filosóficos e corporais consolidados. Privar o estudante das classes populares do acesso ao conhecimento universal sob o pretexto de "respeitar sua cultura" é uma forma disfarçada e perversa de perpetuar a violência simbólica de Bourdieu, mantendo-o desarmado intelectualmente;
- **O Tecnicismo Burocrático e Digital:** Reduzir o ato de ensinar ao mero cumprimento de tabelas de conteúdos, alimentação mecânica de plataformas virtuais e preparação bitolada para testes padronizados. O ensino desprovido de intencionalidade política e humana gera

apenas o esgotamento docilizado característico da sociedade do cansaço de Han.

A práxis autêntica reside no equilíbrio dinâmico e rigoroso: dominar a técnica, a didática e o conteúdo científico, mas colocá-los incondicionalmente a serviço da emancipação humana. É no chão da escola pública — entre as contradições do sistema e o caos do cotidiano — que se afirma a possibilidade real de uma educação crítica, transformadora e humanizadora.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A AFIRMAÇÃO DA PRÁXIS NO HORIZONTE DA ESCOLA PÚBLICA

A jornada analítica e propositiva empreendida neste trabalho partiu de uma constatação desprovida de ilusões sobre a complexidade do cotidiano da escola pública contemporânea. Encarar com responsabilidade o chão da sala de aula e da quadra poliesportiva exige do docente o abandono definitivo de paradigmas ingênuos que idealizam a educação como um porto seguro de harmonia social. Pelo contrário, a instituição escolar situa-se no centro de tensões estruturais, tecnológicas e subjetivas extenuantes, onde a reprodução da desigualdade de classe e a exploração do psiquismo humano convergem intensamente.

Ao articular Pierre Bourdieu, Byung-Chul Han e Paulo Freire — ampliados pela crítica à plataformização do ensino —, este artigo consolidou um referencial teórico operacional e pragmático para desvelar e enfrentar essa múltipla opressão:

- **A Desmistificação da Neutralidade (Bourdieu):** A teoria do capital cultural e da violência simbólica desorganizou a falácia meritocrática. Ficou demonstrado que a escola não pode cobrar como pressuposto universal o repertório que ela própria não ensina, sob pena de atuar como mera canceladora do privilégio social;
- **A Leitura do Esgotamento Contemporâneo (Han):** O diagnóstico da sociedade do desempenho e do cansaço permitiu avançar sobre as novas patologias da era digital e da plataformização. A coação disciplinar externa cedeu lugar à autoexploração produtiva e ao monitoramento algorítmico, que atinge discentes e docentes com ansiedade, alienação e um adoecimento psíquico generalizado;
- **A Resposta Pela Práxis (Freire):** Diante da estrutura rígida, do esgotamento psíquico e do tecnicismo digital, a pedagogia libertadora insurgiu-se contra o fatalismo. A conscientização, a dialogicidade e a unidade indissociável entre ação e reflexão devolveram ao ato educativo sua vocação emancipatória, ética e humana.

Para o professor da educação básica pública — em especial no ensino de Filosofia e Educação Física —, a superação desse cenário adverso não virá de fórmulas mágicas, de sermões moralistas ou da adesão cega a modismos tecnológicos empresariais. A resposta concreta reside no compromisso ético e técnico com a práxis pedagógica. Isso significa recusar a negligência do esvaziamento de conteúdos, assim como combater a instrução burocrática e

desumanizada.

Garantir o acesso rigoroso, problematizador e democratizado ao conhecimento filosófico e à cultura corporal de movimento é a tarefa política fundamental da escola pública. É por meio dessa apropriação crítica que o estudante da periferia adquire os instrumentos conceituais, corporais e políticos para ler o mundo, identificar as amarras da dominação e atuar ativamente na transformação do caos social em autonomia real. A formação crítica não é um luxo acadêmico ou uma utopia distante, mas uma necessidade urgente de sobrevivência, dignidade e emancipação coletiva.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses de ordem financeira, pessoal ou institucional na realização e publicação deste trabalho.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O autor declara que não utilizou ferramentas de Inteligência Artificial para a geração de conteúdo ou análise dos dados apresentados neste manuscrito.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do desempenho**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis:

Vozes, 2015.

SANTAELLA, Lucia. **A aposta no humano: pedagogia da autonomia na era das telas**. São Paulo: Paulus, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.